

## A Mão do Finado

RUBEM BRAGA

“NÃO é cedo para a Oposição acreditar no governo?” — perguntou, com certo humor, o marechal Costa e Silva a quem lhe falava em União Nacional. Acho, na verdade, muito cedo. Entre esse governo e a opinião pública de qualquer tendência existe um muro a impedir qualquer diálogo: é a Lei de Segurança.

Dizem que o marechal Castelo Branco fez questão de mostrar seu texto ao marechal Costa e Silva para ter o «de acôrdo» deste. Estaria, assim, o nôvo presidente, no dever de prestigiar a lei monstruosa. Ora, a ser verdade isso, o caso revela apenas mais uma faceta do caráter matreiro do ex-presidente. Uma vez que não sentia forças para impedir a posse do sucessor eleito contra sua vontade, usou de tôdas as chicanas e chantagens para atrelar o nôvo govêrno ao seu sistema de mando. Sabia que o problema do marechal Costa e Silva era ignorar todos os problemas para resolver apenas um, que era vital: tomar posse. Por que não mostrou a lei, como se comprometera a fazer, a seus líderes na Câmara e no Ecnado? Sabia perfeitamente que ela despertaria repulsa — como está despertando a repulsa de tôda a opinião pública, inclusive dos ministros da justiça militar que deveriam aplicá-la.

Lei que se arruma assim, ao apagar das luzes, no conchavo noturno de alguns militares e alguns bachareis, nenhum deles capacitado pelo povo nem por ninguém a legislar — isso não é lei, nem nada. É um ato de traição nacional, uma declaração de guerra à imprensa e ao povo, uma punhalada apressada no escuro, um ato de felonía de uma récua de klukluskians fardados a serviço de um fanatismo ideológico anti-nacional.

O govêrno do marechal Castelo Branco morreu — com todos seus crimes, suas torturas, seus atos institucionais, suas cassações, seus golpes ignóbeis. Morreu, e que se enterre. A Nação não pode ser dirigida pela mão do finado.

DN - 1.4.67